

Da cidade planejada aos espaços de segregação induzida em Boa Vista – RR

From the planned city to induced segregation spaces: Complex in Boa Vista – RR

De la ciudad planificada a los espacios de segregación inducida: En Boa Vista - RR

Tony Guarnielle Barbosa Ribeiro

Universidade Federal de Roraima

tonyguarnielle@gmail.com

Artur Rosa Filho

Universidade Federal de Roraima

artur.filho@ufr.br

Resumo

No processo de produção do espaço urbano, existem lugares destinados à expansão, visto suas condicionantes sociais e físicas. O objetivo geral dessa pesquisa foi realizar um estudo sobre os espaços de segregação induzidos pelo poder público em Boa Vista-RR. Quanto aos procedimentos metodológicos, destacaram-se a pesquisa bibliográfica e documental, interpretação de imagens aéreas e observação de campo. Em Boa Vista, verificou-se que há uma forte tendência do poder público em segregar a população de baixa renda em áreas mais distantes do centro. Os resultados de campo permitiram verificar que, apesar da existência de alguns equipamentos urbanos instalados nessas áreas, os moradores seguem segregados, seja pela localização dos conjuntos, seja pela falta de assistência do próprio poder público em relação ao poder de compra e ao padrão de vida dos moradores desses espaços.

Palavras-chave: Produção do espaço urbano. Espaço de Segregação induzida. Boa Vista –RR

Abstract

In the production process of urban space, there are places with a vocation for expansion, given their social and physical constraints. The focus of this study is the Vila Jardim housing complex, in the Cidade Satélite neighborhood in Boa Vista-RR located in the west of the city. The general objective is to perform a study on the spaces segregated by the government, highlighting the Vila Jardim complex in the Cidade Satélite neighborhood in the context of segregation induced by the state in Boa Vista-RR. As for the methodological procedures in a first stage, it began with a bibliographic research discussing about the concepts of space, social agents promoting urban space that acted in this process. From the application of a digital questionnaire via census takers in loco, we sought to verify the perception of residents of Vila Jardim about segregation induced by the government. The results led to identify that in the space of segregation induced by the state, the residents showed dissatisfaction with safety, health and education, which significantly reflects on the valorization of urban space. The results obtained also allowed us to verify that despite some urban facilities, the residents are still segregated and consequently unattended by the government.

Keywords: Production of urban space. Induced Segregation Space. Boa Vista -RR

Resumen

En el proceso de producción del espacio urbano existen lugares destinados a la expansión, dadas sus condicionantes sociales y físicos. El foco de este estudio es el Conjunto Habitacional Vila Jardim, en el barrio Cidade Satélite en Boa Vista-RR, ubicado en la Zona Oeste de la capital. El objetivo general es realizar un estudio sobre los espacios segregados por el gobierno, destacándose el Conjunto Vila Jardim, en el barrio Cidade Satélite, en el contexto de segregación inducida por el Estado, en Boa Vista-RR. En cuanto a los procedimientos metodológicos, en una primera etapa, se inició con una investigación bibliográfica, discutiendo los conceptos de espacio y buscando la identificación/caracterización de los agentes sociales promotores del espacio urbano que actuaron en ese proceso. A partir de la aplicación de un cuestionario digital, vía censistas in loco, buscamos verificar la percepción de los habitantes de Vila Jardim sobre la segregación inducida por el gobierno. Los resultados permitieron identificar que, en el espacio de segregación inducido por el Estado, los habitantes estaban insatisfechos con la seguridad, la salud y la educación, lo que se refleja significativamente en la valorización del espacio urbano. Los resultados obtenidos también permitieron verificar que, a pesar de la existencia de algunos equipamientos urbanos, los residentes aún se encuentran segregados y, en consecuencia, desatendidos por el gobierno.

Palabras clave: Producción del espacio urbano. Espacio de Segregación Inducida. Boa Vista-RR

Introdução

A cidade de Boa Vista-RR, atualmente passa por um constante processo de expansão urbana e crescimento demográfico. Desta maneira, os espaços de segregação induzidos vão se configurar como propulsores no que tange às novas formas de uso e ocupação do solo, alterando a estrutura urbana da cidade e conseqüentemente do bairro e/ou localidade em que está inserido, contribuindo assim, para que a cidade se configure como um grande mosaico (RIBEIRO, 2022)

De acordo com Corrêa (1989), os agentes que atuam na (re) produção do espaço são: os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos, que vão configurar o espaço a partir das ações desencadeadas.

No sentido de nortear o caminho que se pretende trilhar para consecução da presente pesquisa, definiu-se como objetivo geral realizar um estudo sobre os espaços de segregação induzidos pelo poder público em Boa Vista-RR. Dessa forma, baseados em Souza (2003, p.83), destaca-se que, “[...] grandes conjuntos de problemas, ou duas grandes problemáticas associam-se fortemente às grandes cidades: a da pobreza e a da segregação residencial induzida”.

O espaço geográfico caracteriza-se como uma porção da superfície terrestre onde o homem, por intermédio de sua relação com o meio, o constrói e imprime neste espaço suas marcas, desta forma produzindo espaços distintos (SANTOS, 1991). Neste sentido, as constantes transformações que o espaço urbano sofre são promovidas por diversos agentes e fatores; sendo assim, no processo de (re) produção do espaço urbano, há lugares que se destacam dos demais, devido à valorização que recebem.

Considera-se que os espaços de segregação induzida vão se configurar como propulsores, no que tange às novas formas de uso e ocupação do solo, alterando a estrutura urbana da cidade e, conseqüentemente, do bairro e/ou localidade em que estão inseridos. A cidade de Boa Vista-RR nas últimas décadas vem passando por um intenso processo de expansão urbana e crescimento demográfico, gerando assim novas formas de uso e ocupação do solo, além de novas dinâmicas socioespaciais.

A discussão desses autores sugere que esses processos se referem a uma prática que vai em direção à segregação socioespacial induzida, visível no plano da paisagem, a partir de uma morfologia profundamente hierarquizada socialmente, na medida em que a habitação é a forma mais visível das diferenciações de classe no espaço (RIBEIRO, 2022).

Revisão da literatura

Lefebvre (1991) destaca que as segregações que destroem morfologicamente a cidade e que ameaçam a vida urbana não podem ser tomadas por efeito, nem de acasos, nem de conjunturas locais, mas sim de uma ordem estrutural.

O convívio de segmentos sociais ricos e pobres em um mesmo espaço, a cidade, gera distorções no imaginário que os indivíduos constroem um dos outros. Manifesta-se no espaço urbano uma separação socioespacial, entre os mais pobres e os mais ricos. As desigualdades e diferenças estão (re) produzidas em todas as partes da cidade. Nesta direção podemos afirmar que a segregação induzida socioespacial é uma das facetas da exclusão em suas diversas dimensões (MOREIRA JÚNIOR, 2010).

O plano da habitação revela o nível do vivido. Nessa direção, as relações sociais na metrópole podem ser lidas no plano da vida cotidiana, enquanto práticas socioespaciais concretizadas no modo como as pessoas se apropriam de um espaço fragmentado pelas estratégias dos empreendedores imobiliários, posto que a propriedade privada do solo urbano condiciona o uso à realização do valor de troca, e é desta maneira que a casa se apresenta como mercadoria (CARLOS, 2007).

Assim, se antes a segregação induzida era vista como um acontecimento natural, próprio do processo de urbanização, hoje ela é debatida a partir da compreensão de que é originária do próprio sistema capitalista de produção e como opção (ou falta de opção) de grupos sociais específicos (SILVA, 2014).

Como observado até aqui, a pobreza torna-se dispersa no território. Nas ciências que estudam as grandes cidades, fala-se muito em descentralização, processo que seria essencial para a manutenção da vida urbana, que experimenta, cada dia mais, as deseconomias de aglomeração. A

descentralização, de fato, ocorre para a pobreza, ao passo que a riqueza tende a continuar concentrada (ainda que se note certa expansão de sua área) (CANETTIERI, 2014).

Nesse sentido, essa nova forma revela seu conteúdo de segregação induzida. Esta não é tão diferente da anterior, porém é ainda mais intensa. A forma com que passa a se organizar a periferia ocorre dispersamente no território. Ela reinventa a forma da metrópole e, concomitantemente, reproduz a lógica da segregação induzida: são efetivamente elementos da mesma estrutura de dominação, apesar da nova aparência (CANETTIERI, 2014).

O pobre é forçado a se mudar, a desterritorializar-se, para, posteriormente, reterritorializar-se. Esse movimento pode se dar tanto por via do capital, que, pelo mecanismo do mercado, expulsa o pobre, quanto pelas remoções forçadas, efetuadas por meio da ação estatal. Após a expulsão, aquele que foi atingido deve procurar outro espaço de moradia, mais distante das áreas centrais. Isso pode significar, para ele, entre outras coisas, uma hora a mais num transporte precário, acesso aos serviços públicos (saúde, escola, creche) de pior qualidade; em poucas palavras: degradação de sua qualidade de vida (CANETTIERI, 2014).

A organização espacial da cidade capitalista é reflexo do conjunto de diferentes usos da terra e, sendo um produto social, surgem diversos agentes que de maneiras complexas e distintas geram um processo constante de reorganização espacial. Corrêa (1989, p. 11) enfatiza que:

O espaço urbano capitalista — é fragmentado, articulado, reflexo, condicionante social, cheio de símbolos e campo de lutas — é um produto social, resultado de ações acumuladas no tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço. São agentes sociais concretos, e não um mercado invisível ou processos aleatórios atuando sobre um espaço abstrato.

Assim, na metrópole, para Carlos (2007), o ato de morar revela, antes de mais nada, o modo como o processo de segregação induzida se realiza espacialmente, iluminando uma prática que justapõe morfologia social/morfologia espacial estratificadas e hierarquizadas. Neste sentido, o movimento da reprodução da metrópole revela os conflitos e limites da reprodução social, apontando uma contradição fundamental (no movimento do processo de reprodução da cidade) entre valor de uso e valor de troca do espaço —impressa nas possibilidades de apropriação do espaço da vida.

São os traços visíveis da segregação social induzida, que também se concretiza no acesso diferenciado aos serviços essenciais, como assistência médica, prontos socorros, escolas, no traçado e densidade das linhas de ônibus, dos meios de consumo coletivo. É por isso que a cidade expressa a miséria, o estranhamento, a caducidade e a morte (CARLOS, 2007).

Verifica-se a consolidação de territorialidades que se colocam à parte da vida urbana ao mesmo tempo que utilizam serviços e equipamentos urbanos, de modo seletivo no tempo e no

espaço. O morador do condomínio é homogeneizado, baseado em um critério estritamente econômico (RIBEIRO, 2022).

Conforme alerta Chetry (2014), devido à abrangência e imprecisão do termo fragmentação, é importante esclarecer que neste trabalho compreende-se segregação urbana induzida como um processo construído historicamente, em que a maior parte de uma determinada classe social habita bairros dispostos de forma a criar “um conjunto de bairros” dentro da cidade, distinguindo-se, assim, da fragmentação urbana, que é o surgimento de pequenas unidades de pobreza e riqueza geograficamente próximas, mas que não interagem socialmente.

Santos (1993) afirma que a cidade em si, como relação social e de materialidade, torna-se criadora de pobreza, tanto pelo modelo socioeconômico, de que é o suporte, como por sua estrutura física, que faz dos habitantes das periferias pessoas ainda mais pobres. A pobreza não é apenas o fato do modelo socioeconômico vigente, mas, também, do modelo espacial.

De acordo com Lefebvre (1991), com a dinâmica do capitalismo, a produção do espaço é reduzida a uma constante programação de práticas sociais cujo fim são mercadorias destinadas ao consumo e, também, à acumulação de capital.

A cidade como forma concretizada do processo de urbanização é um produto e condição de (re) produção de uma sociedade. O espaço urbano é produzido de modo desigual, em um processo complexo e dinâmico, no qual ocorre tanto a expansão do tecido urbano quanto a verticalização em determinadas partes das cidades (MOREIRA JÚNIOR, 2010).

O processo de fragmentação da cidade caminha junto ao processo de mundialização, embora de forma contraditória. Homogênea e fragmentada, a cidade revela, ainda, a hierarquização dos lugares e pessoas como articulação entre morfologias espacial e social e tal estratificação revela as formas da segregação urbana induzida (CARLOS, 2007).

É necessário compreender que o conceito de periferia fractal traz consigo a ideia de que cada fragmento carrega a tensão da totalidade do processo de urbanização. Mesmo com uma urbanização desconecta e fragmentada, os fractais representam a tensão que gerou essa forma. Em última instância, ocorre uma contradição inerente ao capitalismo: a separação trabalho-capital, expressa espacialmente nas metrópoles contemporâneas na forma das periferias fractais (CANETTI, 2014).

Santos (1988) afirma que o setor imobiliário organiza o espaço de forma hierárquica, pois o próprio setor é quem define ações, como a comercialização e financiamento de terrenos.

Enquanto ocorre no espaço urbano uma segregação induzida para as áreas de piores condições geográficas e sanitárias, há um processo de autosegregação por parte das camadas mais abastadas, pautada na ideia de conviver entre os semelhantes. As práticas socioespaciais e o

convívio social passam a se dar entre os iguais apenas, tanto nos condomínios de alto padrão como nos bairros pobres, habitados por uma massa de miseráveis (MOREIRA JÚNIOR, 2010).

Os muros demarcam claramente a separação e o limite — a fronteira — que se estabelece por oposição à identidade, daí a diferença entre os “in” e os “out”: a alteridade. Dentro dos condomínios, de certa forma, há uma espécie de padronização entre seus habitantes, que são tidos como “iguais”, assim, há uma diferenciação entre os “de dentro” e os “de fora”. Há, em outras palavras, uma distinção e uma separação, logo uma classificação entre os grupos sociais. E engajado nessa segregação induzida espacial há, concomitantemente, um cercamento da cidadania (MOREIRA JÚNIOR, 2010).

Localização e Breve Contextualização de Boa Vista-RR

O município de Boa Vista localiza-se na porção centro-leste do estado de Roraima, na mesorregião Norte; ocupa uma área de 5.687,037 km² e possui uma população estimada de 419.652 habitantes, com densidade demográfica 49,99 hab./km² (IBGE, 2010), tendo seus Limites ao norte com os municípios de Normandia, Pacaraima e Amajari; ao sul com Mucajaí e Alto Alegre; à leste com Bonfim, Cantá; e Normandia e a oeste com o município de Alto Alegre (IBGE, 2020), (Figura 1).

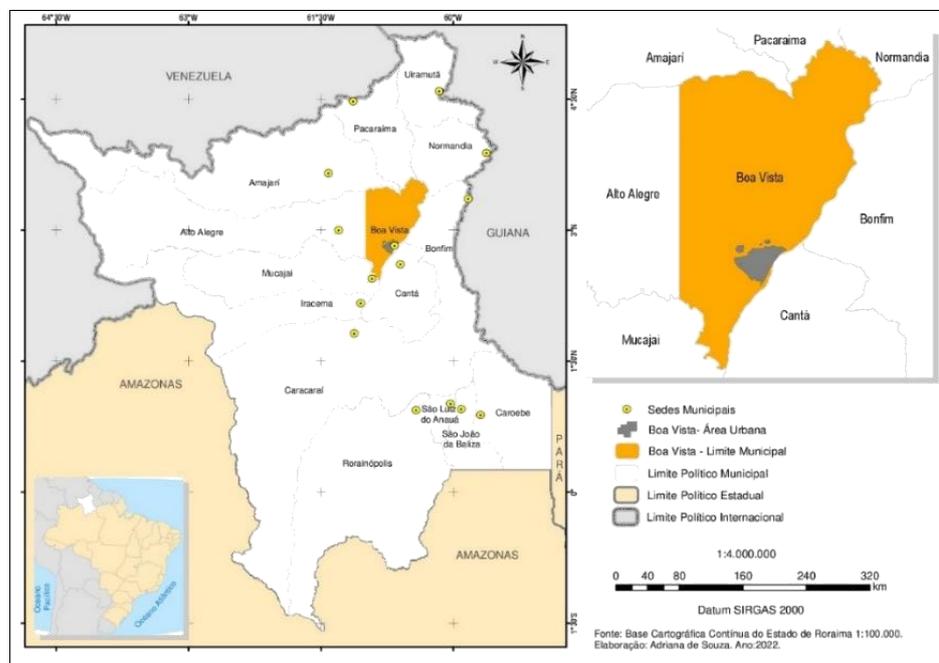


Figura 1 – Localização da cidade de Boa Vista: porção centro-leste do estado de Roraima. Fonte: Produção autoral (2022).

Para Martins (2010), ao tratar das transformações ocorridas em Boa Vista, a será tomada, no mais das vezes, e em decorrência do esforço em inseri-la num contexto maior, como uma paisagem. Ainda que o termo paisagem seja polissêmico e provoque grandes discussões no âmbito da Geografia, um motivo importante para que venha a ser aqui empregado em relação a Boa Vista é que a cidade será tomada pelos elementos físicos nela instalados mais do que por sua funcionalidade e emprego.

A cidade de Boa Vista, antes da implantação de seu plano, apresentava um traçado retangular simples, com poucas ruas, que se cruzavam de forma linear com as principais, e outras duas ruas nas extremidades, que convergiam em busca de um centro (SOUZA, 2015).

Conforme Martins (2010), isolada e pequena. Era dessa forma que se caracterizava a cidade de Boa Vista nas histórias de pescadores, rezadores, vaqueiros, pilotos fluviais, laçadores, cangaceiros, fazendeiros e demais personagens arrolados na narrativa “dos tempos antes do território”, presentes no livro de Dorval de Magalhães. A considerar pelas memórias do autor, o cotidiano de Boa Vista era marcado pela tranquilidade típica de uma localidade interiorana, em que os principais eventos se traduziam em festas homenageando os santos de devoção dos moradores, apresentações da “orquestra de pau e cordas”, a eventual circulação de jornais e as disputas dos amadores clubes de futebol.

Essas paisagens naturais desaparecem das cercanias de Boa Vista em consequência da crescente ocupação da cidade, ocorrida com maior intensidade a partir dos anos de 1970. Nesse momento, em paralelo à ocupação mais intensa do espaço central, surgiram e/ou cresceram bairros próximos ao centro, como Mecejana (oeste), São Francisco e Aparecida (norte) e São Vicente (sudoeste). Além dessas, outras áreas, mais distantes, começaram a ser ocupadas sem que um novo planejamento fosse de fato realizado (MARTINS, 2010).

A capital do estado de Roraima apresentou a partir de 1944 uma mudança significativa em sua estrutura urbana, principalmente, com a implantação do plano urbanístico de Boa Vista/RR (PUBV), elaborado e executado pelo engenheiro civil Darcy Aleixo Derenusson que trouxe à cidade um desenho novo (SOUZA, 2015).

Aproveitando a ausência de acidentes geográficos significativos no relevo, que se apresentava já bastante plano e regular, o novo traçado da cidade previu um importante deslocamento do centro do poder para um ponto pouco mais distante da orla. Antes representado pelo Prédio da Intendência e localizado à margem do rio, esse centro seria abrigado ainda em paralelo ao Rio Branco, em terreno destinado a compor uma praça central em que se alocaariam os três poderes. Este espaço, que viria a receber a Praça do Centro Cívico, estava no âmago do arco desenhado pelas avenidas e aparece como um clarão sem árvores nem edificações. Tal fato se

explica porque, apesar de o planejamento da cidade ter ocorrido na década de 1940, o surgimento de obras naquele espaço só começou a acontecer de modo efetivo a partir da segunda metade dos anos de 1960 (MARTINS, 2010).

A presente pesquisa caracteriza-se com metodologia de um estudo descritivo e exploratório, visto que, segundo Gil (2006), a pesquisa descritiva propicia ao investigador constatar e avaliar as relações entre as variáveis, na medida em que elas se manifestam espontaneamente nos fatos já existentes. Já a pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.

Para se atingir os objetivos propostos, foram preestabelecidos os seguintes passos: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, observação de campo, interpretação de imagens de satélites, fotografias aéreas feitas por drone.

O embasamento teórico se deu por meio de livros, teses, dissertações, publicações periódicas especializadas e órgãos públicos, em que foram abordadas questões referentes ao espaço urbano; (re) produção do espaço urbano; agentes sociais produtores do espaço urbano organização do espaço urbano.

Tratando-se da pesquisa documental, esta teve como subsídios órgãos públicos ou privados, destacando-se, principalmente, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Prefeitura Municipal de Boa Vista (PMBV), Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento (SEPLAN) e cartórios. Os documentos obtidos por meio das imobiliárias e do IBGE ajudaram no mapeamento dos espaços segregados da cidade de Boa Vista-RR, dando-nos uma visão geográfica de sua distribuição no espaço urbano.

Breve espacialização da segregação induzida em Boa Vista - RR

A habitação, bem como o direito de acesso à terra, seja ela na área urbana ou rural, é fator determinante de inclusão social. Podemos dizer que o fato de morar (habitar), proporciona ao cidadão a plena sensação de segurança (RANGEL; COSTA, 2013).

Ainda de acordo com mesmo autor, poucas sociedades passaram, nas últimas décadas, por tão profundas transformações como a sociedade brasileira. Seu tradicional perfil agrário deu lugar a uma nova realidade industrial e urbana, marcada, contudo por graves problemas decorrentes dessas mudanças, cujas soluções constituem um grande desafio.

Pode-se perceber claramente que existem cada vez mais separações nos centros urbanos, divisões que aparecem em diferentes escalas, representando não só uma separação espacial por comodidade administrativa, mas um ordenamento social, guiado pelo desequilíbrio de renda, educação, ocupação e outros. Assim, denomina-se segregação essa tendência humana de criar

subdivisões, baseadas em algumas características próprias de certas parcelas da população, e separá-las espacialmente (VERAS, 2009).

Para contextualização espacial e social, serão apresentados três conjuntos habitacionais construídos pelo governo federal no Programa Minha Casa, Minha Vida, Conjunto Habitacional Vila Jardim, Conjunto Pérolas do Rio Branco e o Conjunto Cruviana, ambos situados na Zona Oeste de Boa Vista-RR (Figura 2).

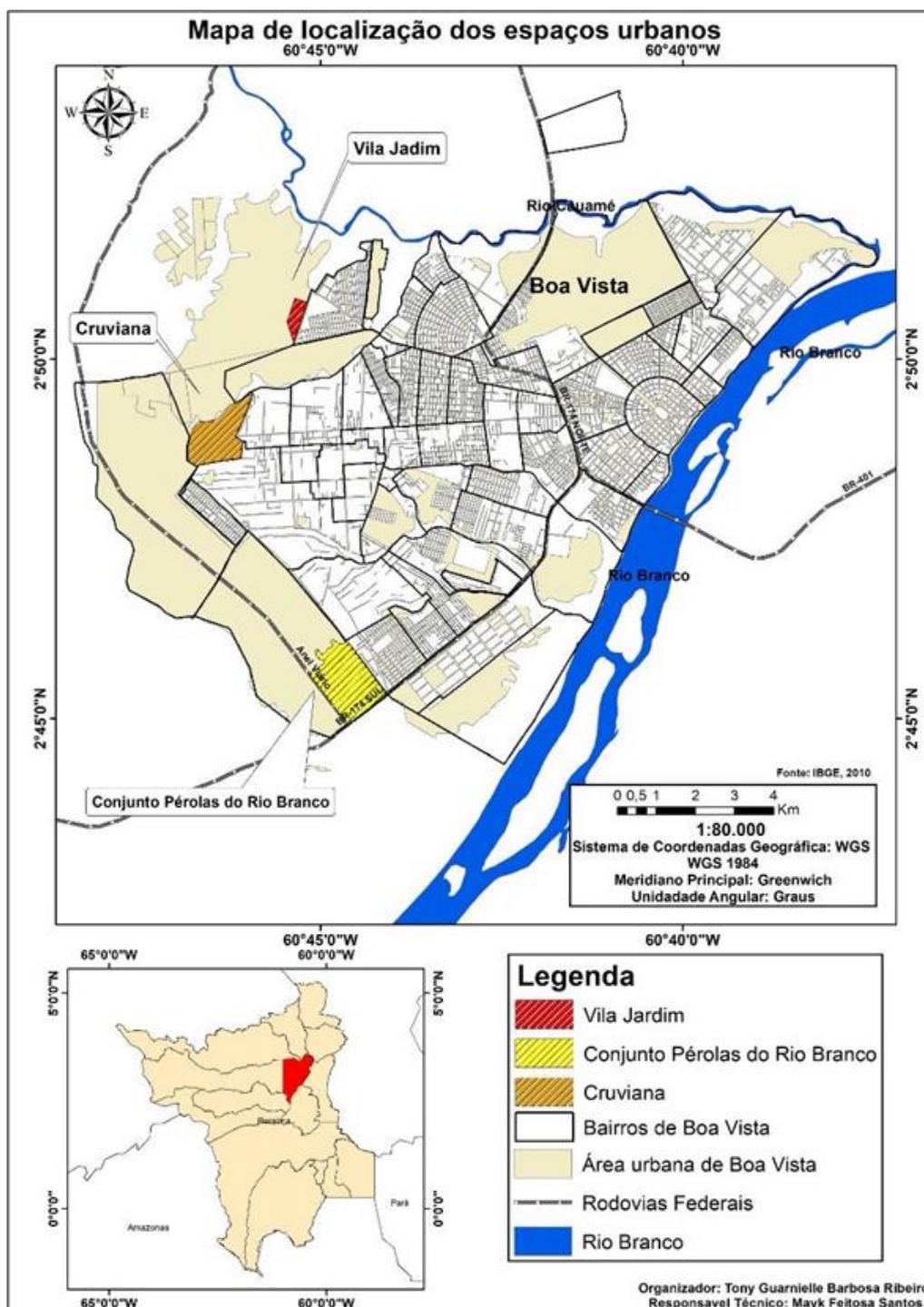


Figura 2 – Conjunto Habitacional Vila Jardim, Conjunto Pérolas do Rio Branco e o Conjunto Cruviana, ambos situados na Zona Oeste de Boa Vista-RR
Fonte: Produção autoral (2022).

Conjunto Pérolas do Rio Branco

De acordo com Soares (2017) o Empreendimento Residencial Pérola I possui 50 Unidades Habitacionais, que foram entregues em 2011. A região onde se localiza o Residencial Pérola II tem características predominantes residenciais, com tendência de uso unifamiliar, sendo servida por equipamentos públicos disponíveis no entorno; o acesso principal é feito pela BR-174 sentido Manaus. O Pérola II é composto por 67 Unidades Habitacionais que foram entregues em 2013. E o Pérola III é composto por 222 Unidades Habitacionais, que também foram entregues no ano de 2013 Pérola VI e VII e Ajuricaba no bairro Airton Rocha - Boa Vista-RR (Figura 3).



Figura 3 – Pérola VI e VII e Ajuricaba no bairro Airton Rocha - Boa Vista-RR
Fonte: Produção autoral (2022).

Corrêa (2003) salienta que o preço e a disponibilidade dos terrenos se apresentam como elementos decisivos ao desenvolvimento do Projeto Minha Casa, Minha Vida (PMCMV), principalmente porque a indústria da construção civil procura por grandes glebas a fim de obter ganhos de escala que compensem o reduzido preço de venda dos imóveis voltados à faixa de renda 1 (um). Contudo, a especulação imobiliária, favorecida inclusive pelas ações do PMCMV, acaba por inflacionar o preço das terras mais bem localizadas, inviabilizando a construção dos empreendimentos sociais em áreas que, pela sua inserção na malha urbana, permitam um melhor acesso aos serviços e às oportunidades de trabalho, entre outras

O Pérola IV é composto por 228 Unidades Habitacionais entregues em 2013. O Pérola V é composto por 450 Unidades Habitacionais entregues em 2014. Já o Pérola VI é composto por 412 Unidades Habitacionais entregues em 2015. O Conjunto Pérola VII é composto por 135 Unidades Habitacionais entregues em 2015 para as famílias contempladas pelo programa. Estas famílias se caracterizaram por residir em imóveis cedidos, alugados ou coabitantes nos diversos bairros de Boa

Vista, com renda familiar de até 2,4 salários mínimos, com um teto de R\$ 1.600,00 (mil e seiscentos reais) (SOARES, 2017).

Conjunto Cruviana

A expansão urbana de Boa Vista, nos últimos anos, tem provocado uma drástica mudança na paisagem, com o surgimento de novos bairros e a ocupação de novas áreas, sem prévio planejamento. A principal área de expansão da cidade está situada na Zona Oeste, seguindo em direção do anel rodoviário. Nas demais áreas, apresentam-se obstáculos naturais importantes, como o Rio Branco a leste, e o Rio Cauamé ao norte. Contudo, empresas imobiliárias já iniciaram a abertura de novos loteamentos na cidade; dessa vez, além dos limites do Rio Cauamé (MARTINS, 2018) (Figura 4).



Figura 4 – Conjunto Cruviana
Fonte : Arquivo autoral (2021)

O Conjunto Cruviana foi entregue, ou melhor, sorteado aos moradores em 2011. Conforme a prefeitura, os moradores do novo conjunto habitacional de Boa Vista receberam o local com toda a infraestrutura necessária para a moradia. Afirmou ainda que, realizou o calçamento, asfaltamento e construção de sarjetas. O Cruviana tem praça, escola e uma unidade de saúde. Das mil unidades habitacionais, 30 foram construídas com acessibilidade para cadeirantes. As portas são mais largas na entrada e no banheiro e as casas possuem rampa de acesso. As mil casas construídas do Parque Residencial Cruviana têm 40 m² com cerâmica no banheiro e na cozinha. Todas as ruas do loteamento são asfaltadas e possuem rede de drenagem e esgoto, além de rede de iluminação.

“Este é o maior conjunto habitacional construído em Roraima. Vamos realizar o sonho da casa própria para centenas de famílias, que também contarão com toda infraestrutura para que

vivam com segurança e qualidade, com asfalto, drenagem, escola, área de lazer e área comercial", disse o prefeito Iradilson Sampaio.

Souza (2009), acrescenta que a cidade de Boa Vista vem crescendo de maneira desordenada e desigual e, em decorrência desse processo de urbanização rápida e acentuada, os bairros foram se multiplicando sem as mínimas condições de habitação, e ocorreu então uma ocupação desenfreada de áreas de proteção e de risco ambientais, além do aumento na demanda por serviços públicos, como escolas, hospitais, postos de saúde, transportes, entre outros.

Conjunto Habitacional Vila Jardim

O volume total de doze prédios, receberam os nomes de: Araçá, Ipê Amarelo, Jatobá, Andiroba, Urucum, Ingá, Cedro, Pupunha, Sumaúma, Açaí, Angelim, Buriti, todos com garagem ao relento, churrasqueira comunitária e playground com quadras poliesportivas.



Figura 5 - Vista aérea parcial do Conjunto Residencial Vila Jardim
Fonte: Arquivo autoral (2021).

Segundo dados da Companhia de Desenvolvimento de Roraima (CODESAIMA), o Conjunto Habitacional Vila Jardim possui 2.992 Unidades Habitacionais, caracterizadas por apartamentos apresentados no manual do proprietário com todos os itens de acabamento e especificações técnicas, distribuídos espacialmente, como mostra a planta baixa, conforme exposto na página seguinte. Essas unidades fazem parte do Programa Minha Casa, Minha Vida e foram construídas com recursos do Fundo de Arrendamento Residencial (FAR). O agente promotor do empreendimento foi o governo do estado de Roraima através da CODESAIMA.

Em março de 2015, foi realizado o sorteio para as moradias do conjunto, do qual participaram cerca de 4 mil proponentes a beneficiários do Programa Minha Casa, Minha Vida, para o Empreendimento Residencial Vila Jardim; no entanto, apenas 2.992 pessoas ficaram aptas para a

próxima etapa, sendo que os demais 1.808 foram classificadas em um cadastro de reserva (SOARES, 2017).

O Residencial Vila Jardim (Figura 5) compreende 187 prédios, cada um com 16 apartamentos, totalizando 2.992 apartamentos, de 39 m², com sala, dois quartos, cozinha e banheiro, todos dentro das normas técnicas do Programa Minha Casa, Minha Vida. No local há ainda escola, creche, praças e quadras de esporte, centro de convivência e playground (FOLHA DE BOA VISTA, 2015).

Conforme Soares (2017), os conjuntos habitacionais horizontais de promoção pública estão localizados em áreas desvalorizadas, em zonas rurais ou periféricas, reiterando a manutenção da segregação induzida. Dessa forma a política pública preservava as áreas mais valorizadas para o mercado privado e alimentava a especulação fundiária. São exemplos flagrantes dessa prática a localização de conjuntos habitacionais construídos nos anos 70 e 80, nas cidades de Aracaju, Londrina, Belém, Salvador, Fortaleza, entre tantas outras.

Nessa segunda fase do programa, 3% dos imóveis deveriam ser destinados a pessoas com necessidades especiais (PNE) ou seus parentes diretos; e outros 3%, para quem tivesse mais de 60 anos. Sobre a saúde dos moradores a Folha de Boa Vista (2015), saliente-se -se que, apesar de ter uma população em torno de 15 mil habitantes, o Vila Jardim não possui um posto de saúde exclusivo para atender ao conjunto. Por conta disso, aqueles que necessitam de serviço médico têm que se deslocar para a Unidade de Saúde Básica (UBS) Aygara Motta, localizada no bairro Cidade Satélite, que é mais próxima do conjunto habitacional.

A política praticada pelo BNH e por seus agentes promotores acabou ficando reduzida à mera produção de unidades habitacionais, sem se preocupar em construir cidades; qualificadas nas principais metrópoles brasileiras, as terras adquiridas a baixo custo foram ocupadas de forma simplificada por conjuntos habitacionais com baixa qualidade urbanística e projetos indiferenciados (SOARES, 2017).

Considerações finais ou Conclusões

O objetivo geral dessa pesquisa foi realizar um estudo sobre os espaços segregados induzidos pelo poder público, destacando o Conjunto Residencial Cruviana, Conjunto Pérolas do Rio Branco e Conjunto Vila Jardim no bairro Cidade Satélite no contexto da (re) produção do espaço urbano em Boa Vista-RR. A pesquisa mostrou que nos últimos anos a segregação induzida tem sido uma tendência na cidade de Boa Vista, em função dos empreendimentos imobiliários e do incentivo do poder público.

Pode-se mencionar que Boa Vista-RR passa por um constante processo de expansão urbana e crescimento demográfico. Sendo assim, expande suas periferias e, juntamente, os espaços de segregação induzidos, que vão se configurar como propulsores no que tange às novas formas de uso e ocupação, produção e reprodução do espaço urbano. Nessa perspectiva, nota-se a alteração da estrutura urbana da cidade que, conseqüentemente, transforma-se nos novos bairros e/ou localidades que serão inseridos em sua malha urbana.

Esse crescimento demográfico transformou significativamente a configuração socioespacial da cidade, que se difere muito do desenho urbano proposto e executado pelo engenheiro civil Darcy Derenusson nos anos de 1940, que apresentava uma cidade em formato de leque. Nessa perspectiva, atualmente, o que se entende por periferia vem sendo aos poucos pressionada a avançar no sentido oeste, visto a planimetria dessa região, dando outra configuração espacial a cidade de Boa Vista.

Ademais, para entender a produção do espaço urbano de Boa Vista, cabe analisar também o contexto dos anos de 1980, com o avanço do garimpo, quando a cidade tem um boom de sua população, crescendo em pouco tempo, principalmente para o sentido oeste. Nesse contexto, o Brasil desenvolveu ao longo do tempo políticas públicas habitacionais, e a capital Boa Vista também recebeu incentivo do governo federal para habitação popular de baixa renda do programa minha Casa, Minha Vida considerado um divisor de águas na configuração socioespacial da cidade.

Quanto ao objetivo de realizar um estudo sobre os espaços de segregação induzidos pelo poder público, destacando os Conjunto Vila Jardim no bairro no contexto da (re) produção do espaço urbano em Boa Vista-RR, a pesquisa mostrou que, em 2015, os apartamentos do Conjunto Vila Jardim, localizado no bairro cidade satélite, passaram a apresentar grandes problemas.

Há uma insatisfação das famílias, com relação às condições de segurança pública, pois a ação de facções, tráfico, e ocorrência de pequenos delitos são o cotidiano dos ocupantes. Deste modo, foi possível concluir que o projeto implantado no Conjunto Vila Jardim no bairro Cidade Satélite em Boa Vista-RR, como parte de uma Política Habitacional, atende aos requisitos do conceito de moradia adequada; no entanto, marca mais uma vez a grave situação de segregação induzida, comum nos programas habitacionais brasileiros.

Verificou-se que o conjunto possui alguns equipamentos urbanos básicos, como escolas, posto de saúde e creche, bem como áreas de lazer. Contudo, a localização das moradias do conjunto também evidencia uma segregação induzida socioespacial.

Essa junção de fatos demonstrou que o Conjunto Habitacional destacados não foge à regra de vários outros conjuntos de Habitação de Interesse Social espalhados pelo país, nos quais as áreas a serem escolhidas para a implantação das moradias são distantes dos centros urbanos. Constatou-

se, ainda, que muitos moradores já iniciaram a expansão das suas moradias, ampliando os espaços já existentes, o que não foi previsto no projeto original.

Assim, a pesquisa comprovou ainda que o Conjuntos Habitacionais segue o mesmo destino dos demais Conjuntos de Interesse Social implantados no país, os quais normalmente são abandonados pelo poder público. Esses fatos mostram que, sem uma gestão mais efetiva das moradias destes conjuntos, muitas famílias que necessitam de casa própria ficam excluídas de seus direitos.

Ainda sobre a ineficiência do estado, vale destacar a falta de fiscalização antes de após às entregas, o que incorre na inaplicabilidade das questões habitacionais.

Vale ressaltar que a implantação dos conjuntos foi compreendida nesta pesquisa acadêmica como um dos meios de promover a inclusão social dessa população, possibilitando-lhe o exercício da cidadania. Destarte, reflexões sobre o olhar dos moradores e a motivação da segregação induzida foram as perspectivas que moveram a investigação.

Referências

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estimativa da População**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rr/boa-vista.html>><https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rr/boa-vista.html>. Acesso em: 14 ago. 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo - 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rr/boa-vista.html>><https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rr/boa-vista.html>. Acesso em: 14 ago. 2020.

CANETTIERI, T. **A produção das novas periferias metropolitanas: migração e expulsão dos pobres da RMBH na primeira década do século XXI**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Belo Horizonte: UFMG, 2014.

CARLOS, A. F. A. **O Espaço Urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Editora FFLCH, 2007.

CHETRY, M. Os conceitos da metrópole latino-americana contemporânea: o exemplo da fragmentação socioespacial. **Revista Eletrônica de Estudos Urbanos**, n. 16, ano 5, 2014, p. 61-66.

CORRÊA, R. L. Espaço um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2003.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

FOLHA DE BOA VISTA. **Entrega do Residencial Vila Jardim está prevista para setembro**. Portal Eletrônico Folha de Boa Vista [22 ago. 2015]. Disponível:

<https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Entrega-do-Residencial-Vila-Jardim-esta-prevista-para-setembro/9338>. Acesso em: 14 ago. 2020.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Editora Atlas, 2006.

LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

LEFEBVRE, H. *The Production of Space*. Oxford: Blackwell Publishing, 1991.

MARTINS, Elisângela. **Memória do regime militar em Roraima**. – Manaus/Amazonas, 2010.

MARTINS, Danielle Vieira. **A (re)valorização socioespacial do conjunto monte Roraima em Boa Vista -RR. – Boa Vista/RR**. Boa Vista – RR, 2018.

MOREIRA JÚNIOR, O. **Cidade partida: segregação Induzida e auto-segregação urbana**. *Caminhos de Geografia*, v. 11, n. 33, 2010.

RANGEL, J. A.; COSTA, S. M. F. **O Programa “minha casa minha vida” e seus desdobramentos no local: um estudo da pequena cidade de ponta de pedras, Pará, Brasil**. *ACTA Geográfica*, Boa Vista - RR, v.7, n.14, jan./abr. de 2013.

SANTOS, M. *A Urbanização Brasileira*. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

SANTOS, M. *Metamorfoses do Espaço Habitado* - fundamentos Teórico e metodológico da geografia. São Paulo: Editora Hucitec, 1988.

SANTOS, M. *Pensando o Espaço do Homem*. São Paulo: Editora Hucitec, 1991.

SILVA, R. B. **Expansão Territorial E Segregação Socioespacial Urbana: O Caso De Samambaia-DF**. Uberlândia,, 2014.

SILVA, G. F. N. **Reconfiguração da paisagem nas savanas da Amazônia: o processo de ocupação do "lavrado" no município de Boa Vista, Roraima**. 2016. 142 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

SOUZA, Felipe Melo De. **A forma urbana do centro de boa vista/rr a partir das influências do primeiro plano urbanístico. - Boa Vista -RR**. – Boa Vista/RR, Dissertação (Mestrado em Geografia). 2015.

SOARES, V. M. A. **Habitação de interesse social ou segregação induzida? um estudo sobre o conjunto Pérolas do Rio Branco em Boa Vista-RR**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Boa Vista: UFRR, 2017.

SOUZA, M. *O ABC do desenvolvimento Urbano*. Rio de Janeiro: Editora Bertand Brasil, 2003.

SOUZA, Barbara Cecília Machado Fontes. **Desenvolvimento regional e gestão metropolitana: reflexões a partir da política nacional na região metropolitana de Aracajú**. 2009. 140p.

Dissertação (mestrado em Desenvolvimento Regional e Gestão de empreendimentos locais) – Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em economia, Universidade de Sergipe, São Cristóvão, 2009.

VERAS, A. T. R. A. **Produção do espaço urbano de Boa Vista – Roraima**. Tese (Doutorado em Geografia). São Paulo: USP, 2009.